

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte ..... 1\$000  
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

## A BASTARDA

### SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

VII

A MISSÃO DE NICASIO

(Continuação.)

Tendo traçado as precedentes linhas, Joanna dobrou a carta, lacrou-a e calcou sobre o lacre um sinete de amethysta gravado com as iniciais: J. C. Não sobrescriptou-a, porém.

Quando ella se levantava de junto da secretaria, Nicasio tornava a entrar.

O mascate trazia a canastra ás costas, e Felpudo, contente, pulava em torno delle, sem o menor respeito para com o tapete de Aubusson.

— Nicasio, disse Joanna apresentando-lhe a carta, tome isto, meu amigo...

— Sim, minha senhora.

— Vá ao castello de Vezay.

— Irei...

— Vá o mais depressa possível.

— Esteja descansada, — as pernas são curtas mais são valentes.

— Uma vez chegado lá, perguntará se o Sr. de Villedieu está no castello.

— Sim, minha senhora.

— Se a resposta fôr afirmativa, procurará um meio qualquer de aproximar-se delle.

— Acharei dez, se fôr necessário.

— E entregar-lhe-ha esta carta.

— Mas comprehenda-me bem, Nicasio, deve entregar-a sómente a elle; é essencial, é indispensável, que ninguém nesta vida, e principalmente a Sra. Magdalena, veja você entregar-a...

— Eu me encarrego disso...

— Procurará meios de fazer com que o Sr. Luciano leia esta carta em sua presença, e, depois que a tiver lido, perguntar-lhe-ha se tem resposta...

— Sim, minha senhora.

— Conforme o que elle lhe disser, você esperará ou voltará imediatamente...

— Creia que o farei...

— Se, ao contrario, lhe disserem que o Sr. Luciano não veio, você irá a Villedieu...

— Irei.

— Emfim não volte cá sem ter visto o Sr. Luciano, sem ter-lhe entregue esta carta, e sem havelo interrogado, conforme acabo de lhe dizer...

— Não tem mais alguma recomendação que me fazer, minha senhora? perguntou Nieasio.

— Não, meu amigo.

— Nesse caso, vamos partir, Felpudo e eu, e, se não estivermos de volta daqui a duas ou tres horas, não será por culpa nossa...

Joanna, exausta pelas terríveis emoções que acabavam de succeder-se tão rapidamente, deixou-se cahir em uma cadeira, ao passo que o mascate se affastava, entoando uma das suas canções.

Conforme promettéra elle a Joanna, cantando, caminhava a passo rapido.

Não tardou que avistasse o torreão de Vezay por cima das grimpas das arvores; — pouco depois alcançou o muro do parque, e, passados alguns minutos, chegou a uma portinha que havia ao lado da grade e que habitualmente se conservava aberta.

Por essa porta penetrou elle no parque, e, sempre acompanhado por Felpudo, fez a sua entrada na cozinha do castello.

Alli, como na vespera em Thil-Châtel, foi acolhido por verdadeira explosão de exclamações de alegria.

Criadas e criados agruparam-se em torno delle, e o mascate recebeu uma meia duzia de calorosos apertos de mão.

— Bom dia, minha gente! disse elle logo que aquelle ruidoso entusiasmo lhe permitiu fallar; passam todos como desejam, não é assim?... Tanto melhor!... Eu tambem, graças a Deus, não tenho passado mal... Espero que faremos bom negocio...

— Sim... sim... responderam as criadas.

— Trago aqui bonitas cousas... muito onde escoher... Mas digam-me, como vai o Sr. conde, e a Sra. Magdalena como passa?...

— O Sr. conde, respondeu a cozinheira, não passa lá muito bem... a gotta atormenta-o demasiado... e tem envelhecido que parece contar mais vinte annos... Quanto á menina, passa bem... é u'na maravilha...

— Ella não está para casar-se brevemente?... Ha muito tempo que se falla nesse casamento...

— Em todo caso, fallou-se mais tempo do que se ha de fallar agora...

— Por que?

— Por que o casamento far-se-ha na proxima semana... Vou até comprar-lhe umas fitas cõr de rosa para a touca que hei de pôr nesse dia...

— Tem muito onde escolher, Josefina... Mas diga-me cá; o Sr. Luciano está aqui?

— Creio que sim!... Elle costuma vir logo pela manhã, e não se vai embora senão á noite...

— Vocês sabem que a Sra. Magdalena, todas as vezes que venho cá, faz me a honra de receber-me para estreiar a minha canastr... Trago umas couinhas que talvez lhe convenham... Querem fazer-me o favor de lhe dizerem que estou aqui?...

— Pois não! é já, Sr. Nicasio! respondeu um lacaiozinho; vou immediatamente preveni-la...

O lacaio saiu, e, sahindo, rompeu o circulo dos curiosos que se agrupavam em torno de Nicasio.

Este viu então uma cousa que o fez estremecer.

Junto a uma enorme chaminé, estava sentado um velho, vestido de farrapos, immovel e apresentando as mãos ao calor do fogo.

— O idiota!.. murmurou Nicasio.

— Oh! conheço-o? perguntaram duas ou tres vozes.

— Conheço-o... — Vi-o hontem á noite pela primeira vez.

— Onde?

— Em Thil-Châtel.

— Ah! o senhor vem de Thil-Châtel?

— Venho. — Dormi lá.

— Em casa da Sra. Joanna?

— Sim.

— Pobre moça! disse em tom de ironico compadecimento Josefina, a cozinheira, mulher de trinta e oito a quarenta annos de idade, gorda e ainda frescalhona. — Sabe o que se diz por ahí?

— Não! o que é que se diz?

— Contam que ella está doida pelo nosso noivo... o Sr. visconde Luciano de Villedieu, mas doida varrida! — Realmente, é preciso que esteja doida para imaginar que um visconde vá se casar com a filha de um pobre couteiro!..

E Josefina encolheu os hombros com dignidade.

— Ora qual! respondeu o mascate; quem sabe se isso é verdade!...

— Como! se é verdade?...

— Onde está a prova?

— Todo o mundo o diz!

— O mundo é malidicente...

— Pois todos não estão vendo a tal Sra. Joanna a correr pelos campos como uma louca no seu cavallinho negro, só para encontrar-se com o Sr. Luciano?

— Qual!... tornou a dizer o mascate. Isso é ballela!...

Josefina era uma boa pessoa, não ha duvida; tinha, porém, um caracter irascivel, e nada a infesava mais do que uma contradição.

Tinha ficado os punhos nas cadeiras e ia encatar com o mascate uma discussão, quando, justamente naquelle momento, o lacaiozinho entrou e disse:

— Sr. Nicasio, minha ama está á sua espera na saleta, lá em cima... Vou conduzil-o.

### VIII

#### A RESPOSTA DO VISCONDE

A saleta do primeiro andar era uma especie de gabinete, forrado de chita da Persia e muito simplesmente mobilhado, contiguo á sala de recepção.

Era alli que os habitantes do castello costumavam estar, quando não tinham visitas estranhas.

No momento em que introduzimos nessa saleta os leitores, tres pessoas alli se achavam.

O conde de Vezay, Magdalena e Luciano.

Conforme já o dissemos, o Sr. de Vezay, estava prodigiosamente mudado.

Tinha elle apenas sessenta annos, e parecia ter oitenta.

Os seus hombros abobadados, a sua cabeça inclinada para o peito, anunciavam quasi a decrepitude; mas naquelle corpo estragado antes da idade, o espirito e a inteligencia tinham-se conservado vigorosos e sãos como nos dias da mocidade.

Envolto em uma espessa capa, e estendido em uma poltrona de respaldo derreiado, o conde parecia estar dormindo.

Sua perna gottosa, desmedidamente inchada pela doença, estendia-se sobre uma pilha de almofadas postas diante delle.

Junto a uma das janellas, e como contraste, Magdalena e Luciano formavam um grupo juvenil e seductor.

Em um dos precedentes capitulos desta historia, fizemos em ligeiros traços o esboço de Magdalena.

Indicámos a belleza energica e activa da moça, seu porte de deusa ou de rainha, mas dissemos tambem que sob aquella imperiosa belleza se ocultava a alma de um anjo.

Trajando um vestido de seda escura, que desenhava-lhe os firmes contornos da garganta virginal e as graciosas linhas da cintura delicada e do corpo flexivel, Magdalena estava ocupada em um trabalho de tapeçaria.

Dous grandes alfinetes de cabeça de prata, — como usam em seus toucados as mulheres italianas, — com dificuldade lhe prendiam na cabeça as pesadas tranças de seus esplendidos cabellos.

Sentado ao lado della, mas em uma cadeira um pouco mais baixa, Luciano de Villedieu lhe fallava

baixinho, com voz lenta e carinhosa, e repetia-lhe as palavras.

«..... que seis mil annos vão  
« Que diz um coração a outro coração ».

De vez em quando, Magdalena erguia as longas palpebras, e, voltando um pouco a cabeça, fitava no seu noivo um olhar cheio de doce languidez, de casto enebriamento.

Com aquelle grupo assim disposto um pintor teria feito um lindo quadro.

— Minha senhora, disse o lacaio abrindo a porta da saleta, aqui está Nicasio...

No trajecto da cozinha á saleta, Nicasio havia descarregado a canastra.

Segurava-a por uma das correias e o lacaio pela outra.

E depuzeram-na junto á parede.

Magdalena levantou-se, pôz o bordado em cima da mesa e dirigiu-se para o mascate com infantil impaciencia.

Luciano acompanhou-a.

— Bom dia, Nicasio! exclamou a moça; que me traz de bonito ahi?...

Nicasio comprimentou para a direita e para a esquerda, apresentou os seus solícitos respeitos com a verbosa volubilidade que o caracterisava, e acabou dizendo:

— O que trago de bonito, minha senhora?... Ah! muita cousa!... muita!... O difícil é a escolha...

— Mas enfim o que temos?

— Temos em primeiro logar um lindo crepe da China, que um marinheiro conseguiu passar na alfandega de Nantes, e que posso vender-lhe muito baratinho...

— E que mais?

— Fazendas inglezas, que vieram como contrabando em uma barca de pesca...

— Vamos! que mais ha?...

— Tesouras finíssimas, agulhas de fundo de ouro...

— Tudo de contrabando?...

— Tudo... e muitas cousas mais... O melhor, porém, é mostrar a fazenda...

— Vamos vêr, Nicasio... Abra a canastra, abra já...

O mascate pôz-se a desfivelar as correias, e expôs no tapete os objectos de que acabava de falar, e muitos outros, conforme elle o dissera.

Magdalena comprou o filó da China, algumas fazendas inglezas, varias tesouras, uma porção de agulhas, e diversas outras cousas...

Luciano ria-se como um perdido ao vêr o infantil entusiasmo de sua noiva pelas mais insignificantes cousas...

Nicasio, como mascate, estava contentíssimo.

Via, porém, com pezar e despeito que não se lhe apresentava ensejo para desempenhar a delicada missão que Joanna lhe confiara.

E o tempo ia passando.

Magdalena pagára as compras que fizera com moedas de ouro novinhas.

A Nicasio só faltava fechar a canastra e partir.

Fazia elle esse trabalho com a maior vagareza, quando o acaso veiu em seu auxilio.

O Sr. de Vezay pareceu despertar, e fez um movimento.

Sem duvida, a dôr que aquelle movimento causou á perna doente foi agudissima, pois o conde não pôde conter um surdo gemido.

Magdalena correu para junto de seu pai, e debruçou-se sobre elle para interrogal-o.

Nicasio agarrou a occasião pelos cabellos.

Achava-se elle ao lado de Luciano.

Introduziu, pois, a carta na mão do moço, dizendo-lhe em voz baixa e incisiva.

— Tome e leia....

— Que é isto?.. quiz perguntar o visconde.

Nicasio interrompeu-o, segredando-lhe ao ouvido:

— Leia depressa, e leia sózinho....

Prodigiosamente admirado e intrigado com aquella recomendação tão mysteriosa e insistente, o visconde saiu da saleta.

O mascate tinha conseguido o seu intuito; desde então ficou soegado: estava cumprido o seu dever.

Pouco lhe custou imaginar um pretexto para prolongar ainda a sua presença durante dous ou tres minutos.

Depois, despedindo-se de Magdalena com os mais solícitos protestos de respeito e gratidão, saiu por sua vez.

Na antecamara que precedia a saleta encontrou o Sr. de Villedieu.

Seguramente, o visconde esperava-o.

— Sr. Luciano, perguntou com avidez Nicasio, leu?

— Li.

— E então?

— Diga á pessoa que o envia que antes de decorridos tres dias terá a resposta....

— Só isto?

— Só.

— Sr. Luciano, repetirei com exactidão as suas palavras.

E Nicasio, comprimentando, voltou á cozinha.

Bem desejava elle seguir immediatamente para Thil-Châtel.

Era, porém, impossivel.

De bom ou de máo grado, teve o mascate que abrir de novo a sua canastra e mostrar as fazendas.

Cada criado fez a sua escolha e comprou o que desejava ou podia, e nisto se consumiu algum tempo.

Afinal, porém, pôde Nicasio fechar a canastra e dirigir-se para Thil-Châtel, onde era esperado, sabendo-lo, com a maior impaciencia.

Na occasião em que elle sahia da cozinha do castello de Vezay, o idiota, calado e immovel, continuava acocorado junto á chaminé.

Joanna não tinha podido resistir aos anciósos tormentos da incerteza.

O mascate encontrou-a a meio caminho, pouco mais ou menos, á sombra de uma arvore, onde ella se sentara na relva afim de avistar Nicasio logo que este aparecesse ao longe.

Apenas o viu, correu ao seu encontro.

— Então, Nicasio ? perguntou. Encontrou-o ?

— Encontrei-o.

— Falou-lhe ?

— Falei-lhe.

— Elle leu a minha carta ?

— Leu, minha senhora.

— E imcumbiu-o de dizer-me alguma cousa ?...

— Sim, minha senhora, e eis aqui as proprias palavras que me disse para repetir-lh'as : « Diga á pessoa que o envia que antes de decorridos tres dias terá a resposta... »

— E mais nada ?

— Mais nada.

— Tres dias ! murmurou a moça ; tres dias !...

Deus do céo !... como é longo !...

Em seguida interrogou Nicasio, que teve que entrar nas mais minuciosas particularidades ácerca de tudo quanto tinha visto e ouvido no castello de Vezay.

O mascate entendeu que devia responder com a mais exacta prolixidade, e, por diversas vezes, sem o desconfiar, fez no coração de Joanna pungentes e sanguentas feridas.

A missão diplomática de que Nicasio se incumbira effectuara-se a 13 de setembro.

O visconde Luciano promettéra responder antes de tres dias ; era a 16, o mais tardar, que a sua resposta devia chegar ao conhecimento de Joanna.

Ora, a uma carta como a que elie havia recebido não podia Luciano responder senão de uma maneira : — vindo pessoalmente a Thil-Châtel.

Assim, desde o dia 14 pela manhã pôz-se Joanna a esperar a visita do Sr. de Villedieu, acreditando sempre que ia de um para outro momento velo chegar.

Se se ouvia o passo de um cavallo no caminho que corria ao longo do muro do castello, a moça sentia estremecimentos subitos, — empallidecia, — o coração cessava-lhe de bater...

Cavallo e cavalleiro passavam ; — o cavalleiro não era Luciano.

Uma cousa, entre todas as outras, preocupava Joanna Caillouet.

Dia e noite perguntava ella a si propria de que modo poderia haver-se para dizer a Luciano estas horriveis cousas :

« — Aquella com quem o senhor vai casar-se é sua irmã!... Aquelle cujo nome ella tem é o assassino de seu pai!... »

Procurava e não achava...

E como procurando sentia-se enloquecer, tomou a decisão de aguardar a presença de Luciano e a inspiração do momento.

A noite de 14 sobreveiu sem que o visconde houvesse aparecido.

— Ha de ser amanhã ! — pensou Joanna.

Passou-se o dia seguinte, e, como na vespera, o Sr. de Villedieu não apareceu.

— Antes de tres dias !... repetia a moça com uma especie de febril delirio ; antes de tres dias !... disse elle... — amanhã é 16, amanhã é o terceiro dia !...

A 16, pela manhã, as forças e a paciencia de Joanna estavam exhaustas...

Parecia-lhe que ella não viveria até á noite.

— Nicasio, disse ao mascate, — volte ao castello de Vezay, procure o Sr. Luciano... diga-lhe que estou esperando ha tres dias... diga-lhe que venha... que venha já !... que é necessario!...

Nicasio tomou a canastra, — assobiou chamando o cão, e pôz-se a caminho.

Joanna subiu á parte mais alta do castello, e, com um oculo de alcance na mão, instalhou-se á janella de uma agua-furtada, com o olhar fito no canilho que serpeava por entre as faias verdejantes, e que de Thil-Châtel conduzia a Vezay.

Esperava que Nicasio se cruzasse em caminho com o visconde, e que o cavallo inglez deste ultimo ia apparecer de repente em alguma das voltas da estrada...

Vã esperança !...

Duas horas se passaram.

Ao cabo desse tempo, a moça avistou de longe tres objectos, que ella reconheceu logo.

Eram Nicasio, a sua canastra e o seu cão.

Joanna deixou cahir o oculo de alcance, que se despedaçou na queda, precipitou-se para a escada, que desceu correndo, e sahio ao encontro do mascate.

— Então ? gritou-lhe com voz offegante e de longe.

Nicasio apressou o passo.

Vinha de cabeça baixa, andar enleiado, e a cara contristada de quem sabe que é portador de ruim noticia.

— Então ?... repetiu Joanna, suffocada pela excessiva rapidez da sua carreira, e tambem pelos seus descompassados batidos do coração.

Nicasio não respondeu.

Tirou do bolso um envolucro quadrado em papel velino lustroso, e fechado cuidadosamente.

Apresentou esse envolucro a Joanna.

A moça tomou-o com mão tremula.

O sobrescripto, correctamente traçado, era assim concebido :

« A' Sra. Joanna Caillouet,

Em seu castello de Thil-Châtel. »

Joanna abriu o envolucro, desdobrou a carta, e, atravez de uma especie de espesso véo que lhe tapava os olhos, não viu a principio senão algumas linhas lithographadas :

« O visconde Luciano de Villedieu tem a honra de lhe comunicar o seu casamento com a Sra. Magdalena de Vezay. »

Viu depois outras linhas, traçadas á mão, á maneira de *post-scriptum*.

Eis essas linhas :

« Os noivos receberam a benção nupcial na capella do castello de Vezay, hontem, 15 de setembro, ás 10 horas da manhã. »

A carta de participação escapou-se das mãos da moça, que soltou uma surda exclamação e caiu como que fulminada.

(Continua no proximo numero.)